O ÚLTIMO DOS MOHICANOS e O GUARANI:

DUAS VISÕES PARALELAS DO NOVO MUNDO *

Consuelo M. Loureiro **

Para José de Alencar, a analogia que os críticos frequentemente faziam entre **O Guarani** e os **Leatherstocking Tales** de James F. Cooper representava uma posição insustentável.

O único ponto de contacto que ele admitia era atribuído à mera coincidência histórica. Ele sustentava que, desde que ambos os países, Brasil e Estados Unidos, contavam com um período de conquista em suas histórias, durante o qual as raças nativas — semelhantes em ambos os países — foram destruídas pelo invasor, os novelistas escrevendo aqueles tempos deveriam inevitavelmente manifestar alguns paralelos. Qualquer outra afinidade com Cooper era sempre negada por Alencar.

Ao "lirismo de uma imaginação moça" de **O Guarani** ele contrastava a singeleza e parcimônia do prosador de Cooper que não se deixa arrebatar pela fantasia, antes a castiga¹ e categoricamente contestava a existência de qualquer personagem de seu romance que pudesse ter sido tirado do mesmo molde dos das criações de Cooper. Em particular, Alencar contrastava seu selvagem idealizado ao índio "realístico" de Cooper, supostamente retratado de um ponto de vista social.

No entusiasmo da sua preocupação em provar que era falso que **O Guarani** de algum modo devia algo a Cooper, Alencar falhou, se recusou a perceber que uma base válida para comparação poderia existir sem se imputar influência ou imitação a um ou outro.

José Veríssimo apropriadamente comentou sobre a originalidade de Alencar:

Muito embora seguindo trilhos já por outros abertos, José de Alencar o fez com sentimento diferente e próprio, inspiração pessoal,

* Tradução do Inglês pela professora Maria Helena Negrão Iwersen.

** A autora é professora de português e espanhol na Miami University (Oxford, Ohio, E.U.A.). Licenciou-se pelo Queens College (New York) em abril de 1974, com a tese **Eça de Queiroz e o Conto Moderno em Portugal**.

1 ALENCAR, José de. Como e porque sou romancista. In: ———. **Obra completa**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965. v. 1, p. 117.

individualidade e engenho bastantes para assegurar-lhe, do ponto de vista da história da nossa literatura, crédito de original.²

No entanto, os próprios aspectos de **O Guarani** que Alencar cita como ilustração da disparidade entre seu trabalho e os de James Fenimore Cooper são, pelo contrário, compartilhados por **O Último dos Mohicanos** o mais atípico romance dos **Leatherstocking Tales** e, como **O Guarani** o mais popular de todos os livros escritos pelo autor. A semelhança do seu conceito poético de ambos sobre o índio é expressiva, não apenas por refletir os próprios autores, mas também, porque revela certos elementos homólogos no *status* e aspirações do Brasil e dos Estados Unidos do século 19 e seus pontos de convergência com as correntes literárias da época.

Talvez um dos parâmetros mais reveladores entre **O Último dos Mohicanos** e **O Guarani** possa ser tirado da crítica apontada em ambas as obras. Alencar deve ter acreditado que havia um contraste entre sua própria visão imaginativa e a de Cooper, porém a maioria dos críticos de **The Last of the Mohicans** denuncia precisamente o que eles consideram uma distorção da realidade.

O comentário feito pelo General Lewis Cass, então governador do Território de Michigan, é provavelmente o mais citado na abundante crítica sobre Cooper: "Num daqueles belos esboços do cenário, incidentes e costumes americanos que devemos ao gosto e talento de um eminente novelista, "o último dos mohicanos, é um índio da escola do sr. Heckwelder, e não da escola da natureza".³ O reverendo John Heckwelder, missionário Morávio entre os índios Delaware e Mohegans, descreveu os Delaware num aspecto uniformemente favorável, em oposição a seus inimigos, os Iroquois, que eram representados como o reverso da medalha. A principal fonte de Cooper para suas noções sobre os Índios é **An account of the History, Manners and Customs of Indian Nations who once Inhabited Pennsylvania and Neighboring States**, publicado em 1819.

Um agente de Reserva Indígena chamado Gardiner manifestou a mesma objeção que o General Cass quando este afirmou que Cooper "descreveu uma visão ideal e falsa do caráter indígena, especialmente ao criar a fábula ou mito em relação às virtudes superiores e glórias de Lenni Lenape.

Os Delaware são belos além de sua natureza aborígena e o retrato de Uncas é especialmente objetável".⁴

Alencar, também, foi amplamente atacado pela falta de verdade atribuída ao seu Índio Peri.

Nelson Werneck Sodré menciona um importante crítico: "Numa

2 VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília, Ed. da Universidade, 1963. p. 200.

3 KEISER, Albert. *The Indian in American literature* New York, Oxford University Press, 1933. p. 200.

4 Ibid., p. 105.

polêmica levantada por Joaquim Nabuco, em 1875, em "O Globo", a acusação se baseava em que Alencar ofendera a história, a verdade, a arte e as leis da composição literária, no seu romance indianista".⁵

Mesmo Veríssimo, enquanto elogiava a inspiração lírica de Alencar, tinha de admitir "a de todo falsa ou inverossímil fabulação, o desmedido idealismo, o demasiado romanesco, vícios da escola aqui, mas também efeitos de temperamento literário do autor".⁶

Nem Alencar nem Cooper hesitaram em admitir que não haviam recriado fielmente "a realidade" em suas obras. Bem pelo contrário, eles foram completamente explícitos ao defender o que consideravam ser seus direitos artísticos a idealizar seus temas. Já em 1823, três anos antes do aparecimento de *O Último dos Mohicanos*, Cooper definiu sua teoria sobre o tratamento ficcional da história: "A adesão rígida à verdade, um requisito indispensável na história e relatos de viagens, destrói o encanto da ficção".⁷ Vinte e sete anos mais tarde, ele elaborou este conceito em seu prefácio à edição de 1850 de *The Leatherstocking Tales*.

É privilégio de todo escritor de ficção, mais particularmente quando suas obras aspiram a elevação a romances, apresentar o "beau idéal" de seus personagens ao leitor. Isto é o que constitui poesia, e supor-se que o homem vermelho deva ser representado apenas na miséria esquelética ou no estado de degradação moral que certamente pertence mais ou menos a sua condição, é, entendemos, dar uma visão muito estreita aos privilégios de um autor".

Cooper preferia representar seu Índio com o que ele acreditava ser sua dignidade e grandeza antigas, a apresentar somente o ser degradado comumente descrito como fatal pelos agentes indígenas ou quem, de fato, perambulava pelo Estado de New York nos tempos de Cooper, como uma relíquia deplorável de uma raça dizimada.

Ele estava convencido de que os funcionários do governo distorciam a imagem do índio ao outro extremo, por que seus únicos encontros com os Índios, ocorriam em conselhos que tratavam da venda das terras indígenas, e não em situação doméstica normal. Alencar, também, quis idealizar seu índio ao invés de seguir a tendência dos "cronistas" em difamá-lo.

"Em *O Guarani*, o selvagem é um ideal, que o escritor tenta poetizar, despiando-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o do ridículo que sobre ele projetam os restos embrutecidos da quase extinta raça".⁸ A despeito do propósito confesso de Cooper e Alencar em, mais exaltar que documentar seus temas, eles

5 SODRÊ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964, p. 281.

6 VERÍSSIMO, p. 199.

7 COOPER, James Fenimore. Preface. In: ———. *The Pioneers*. New York, Washington Square Press, 1962.

8 ALENCAR. *Como...*, p. 117.

foram denunciados por sua falta de experiência pessoal ou contacto com os Índios. Desse modo, Arthur Parker afirma que Cooper "poderia ter se saído melhor com a sua etnologia e história... se tivesse colhido pessoalmente seu material na fonte".⁹

E Afonso Arinos de Mello Franco enfatiza a falta de verdadeira base científica na literatura "indianista" do Brasil no século 19: "Só observação direta, a pesquisa experimental, como hoje se realiza, poderia fornecer, sobre os nossos índios, elementos e dados de natureza tal, que sobre eles, se pudessem realizar teorias científicas seguras".¹⁰

Com efeito, nem Cooper nem Alencar poderiam jactar-se de conhecimento direto com os Índios. Quando em 1790, com a idade de quatorze meses, Cooper foi levado a Cooperstown, New York, os únicos Índios que existiam naquela parte do Estado eram bandos nômades e viviam parcamente à custa de vendas. Cooper achava que estes seres patéticos tinham pouco em comum com seus nobres antepassados.

No Brasil, também, o conflito prolongado entre os colonos e os Índios havia resultado em destruição e deslocamento dos últimos.

Aqueles que não tinham escapado para o interior longínquo haviam se tornado elementos marginais da nova sociedade, a qual esmagava quaisquer valores culturais que tivessem a oferecer. Cooper e Alencar, portanto, adquiriram seus conhecimentos dos Índios, através de extensas leituras, particularmente das narrações escritas de viajantes e missionários.

De ainda maior importância, entretanto, foi a sua exposição a outra fonte de material primário e secundário — a da memória popular. Cooper recordava as estórias que lhe haviam sido contadas particularmente por seu pai, do mesmo modo que Alencar estimava as lendas e mitos de sua terra selvagem e conquistada, as "tradições que embalsamaram a infância do povo".¹¹ O profundo conhecimento de ambos da cultura nativa, capacitaram-nos a construir uma base sólida de material folclórico em seus romances e é responsável em grande parte, pela enorme popularidade que ambos desfrutavam, apesar da abundante crítica adversa, dirigida contra eles, por muitas das maiores figuras intelectuais da época.

Eles apenas não transmitiram lendas existentes. Cooper e Alencar criaram um novo folclore, o qual sobreviveu até nossos dias em ambos os países, porque suas raízes foram plantadas profundamente no solo nacional.

Superficialmente, Cooper e Alencar parecem meramente repetir

9 PARKER, Arthur C. Sources and range of Cooper's Indian lore. In: ———. James Fenimore Cooper; a re-appraisal. New York History, New York, 35 (4):453, oct. 1954.

10 FRANCO, Afonso Arinos de Mello. Conceito de civilização brasileira. São Paulo, Ed. Nacional, 1936. p. 77.

11 SODRÊ, p. 279.

a tendência universal do Romantismo em procurar o passado nativo.

Deste modo, *The Last of The Mohicans*, publicado em 1826, passa-se no centro de New York, durante o verão de 1757, no meio das Guerras Franco-Índigenas, que representavam o ponto mais alto da luta entre os franceses e ingleses pela posse da América do Norte. O evento histórico central envolve a tomada do Forte William Henry pelos franceses e o massacre subsequente dos colonos pelos índios aliados ao General Montcalm.

O Guarani apareceu em 1857 e sua ação remonta a 1604, vinte e quatro anos depois da ascensão espanhola ao trono português. É essa crise nacional que precipita a relocação do patriota D. Antônio Mariz, do Rio para o sertão.

Assim como o Romântico europeu buscava na Idade Média os valores da inocência e fé, que ele sentia que sua própria civilização tinha sufocado sob o severo domínio da razão analítica, também Cooper e Alencar criaram seu próprio período medieval, nas florestas virgens dos continentes americanos, onde o homem estático da natureza primeva tinha enfrentado o representante de uma civilização avançada que removeu tudo em sua passagem.

Embora os dois romancistas acreditassem na superioridade da civilização do homem branco, portador do progresso moral universal, foi a figura do Índio que os imortalizou.

Bem claramente, Peri e Uncas obedecem à longa tradição do "nobre selvagem" e sintetizam todas as qualidades convencionais conferidas a essa imagem simbólica pelos românticos. Eles são, obviamente, sem considerar o desmentido de Alencar, tirados do mesmo molde de idealização, e se sobressaem como modelos consumados da "nobreza da natureza".

Sua beleza física e qualidades espirituais são continuamente enfatizadas. Aos olhos de seus observadores brancos, Uncas representa uma "figura ereta, flexível... graciosa e livre nas atitudes e movimentos da natureza... olhar escuro, brilhante e destemido, terrível e calmo ao mesmo tempo — alto, feições arrogantes, puras no seu vermelho nativo... as dignas elevações de sua testa nobre, junto às mais finas proporções de uma cabeça nobre, calva até o generoso tufo do escalpe".¹²

Ele é, na verdade, um "espécime sem mácula das proporções mais nobres do homem", porém Peri não é menos imponente:

O talhe delgado e esbelto como um junco selvagem... a sua pele, cor de cobre... os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes... a pupila negra, móbil, cintilante, a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos davam ao rosto um pouco oval

12 COOPER, James Fenimore. *The last of the Mohicans*. New York, Washington Square Press, 1960. p. 53. Referências subsequentes à esta obra correspondem à mesma edição.

a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.¹³ A dignidade do seu porte não é meramente nobre, é régia:

[Peri] fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era (p. 27).

Mandando a multidão embora com um altivo e orgulhoso movimento de mão, ele [Uncas] avançou em frente da nação com ar de um Rei (p. 370).

Suas vozes, quer falando suas línguas indígenas, ou as línguas de seus amigos brancos, são suaves e melodiosas.

Peri fala português "com pronúncia doce e sonora" (p. 28), e, embora o inglês de Uncas não seja perfeito, ele fala de um modo "tão suave e musical... que nunca deixava de fazer com que ambas as senhoras levantassem os olhos em admiração e surpresa" (p. 57). Eles são, de fato, tão excepcionais que não somente os brancos os admiram, como também sua própria raça. Mesmo os Hurons, ignóbeis e malévolos como são, não podem evitar de apreciar a coragem e dignidade incomuns de seu prisioneiro:

"Bem no centro do alojamento... estava Uncas, calmo, digno e sereno. Seu porte nobre e arrogante não deixava de impressionar seus captores, que sempre baixavam o olhar até sua pessoa, com olhos que, ao mesmo tempo em que não perdiam sua firmeza de propósito, traíam claramente sua admiração pela ousadia do estranho (p. 286)".

Nem Uncas nem Peri simbolizavam o Índio *per se*. Eles são claramente mostrados como seres únicos, muito superiores em todos os aspectos aos outros homens vermelhos, que ofereciam seus semblantes e conduta bárbaros como um contraste, contra o qual o "beau idéal" assume brilho ainda maior.

O abismo que separa Peri de seus captores selvagens é imediatamente reconhecido pela jovem índia que é designada sua "noiva do túmulo". "A índia de pé, defronte dele, olhava-o com um sentimento de prazer misto de surpresa e curiosidade.

Comparava suas formas esbeltas e delicadas com o corpo selvagem de seus companheiros; a expressão inteligente de sua fisionomia com o aspecto embrutecido dos Aimorés; para ela, Peri era um homem superior e causava-lhe profunda admiração (p. 279)".

A tradição cavaleiresca que impregna os dois romances encontra seus expoentes mais sublimes nas virtudes medievais de honra e valor nos galantes personagens de Uncas e Peri.

Ambos evidenciam uma cortesia inata e delicadeza de maneiras para com Cora e Ceci que nada deve em educação e ambiente e tudo, à nobreza de espírito.

São cavaleiros instintivos, que não precisam de Código para ins-

13 ALENCAR, José de. *O guarani*. 14. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966. p. 28. Referências subseqüentes a *O Guarani*, correspondem à mesma edição.

truí-los na obediência, honra e sacrifício exigidos por um amor verdadeiro e puro.

Do mesmo modo que Peri sem hesitar planeja seu suicídio para salvar Ceci, assim também Uncas é morto porque se esquece de toda precaução e astúcia nativas na sua pressa desesperada em salvar Cora das garras de Magua.

Seu amor lhes traz destruição do mesmo modo que a civilização causa a destruição de sua raça, das quais eles são os símbolos poéticos.

Contudo, paradoxalmente, a mesma força devastadora lhes dá sua redenção final também.

A despeito de seus incomparáveis atributos morais e físicos, Uncas e Peri continuam inferiores ao Homem Branco, porque lhes falta a força salvadora do Cristianismo, sem a qual eles não podem transcender sua condição selvagem. Uncas possui os mais altos princípios que a Natureza pode dotar, porém estes são nada mais que "dons vermelhos", e, como tais, crucialmente limitados. O Homem Branco é superior porque seus dons são "cristianizados". Apesar de seu heroísmo e abnegação, Peri não pode ser encarregado da salvação de Ceci até que seja batizado por D. Antônio. Não obstante, a despeito de sua aceitação de batismo, Peri não se torna realmente um cristão mais que Uncas. É o amor somente que os redime e triunfa na derradeira união espiritual de iguais.

No seu retrato idealizado do Índio, Cooper e Alencar deram expressão literária, com o estímulo do Romantismo, ao desejo de afirmação nacional que a independência política havia inspirado nos seus dois jovens países.

Eles compartilhavam desta nova tomada de consciência por definição numa identidade independente e homogeneidade nacional. Ambos os escritores acreditavam que sua nova nação tinha que encontrar sua própria expressão criando uma literatura que atendessem seu passado heróico e revivesse aquelas qualidades que a capacitara a prosperar. Para ambos, um conceito de herança nativa formava a base para a dramatização do passado.

Uma vez que deixava de ser um perigo, o Índio adquiria uma nova imagem na mente do branco, que estava pronto para ser sentimental e chorar pelos erros cometidos, por acalantar o Índio em sua memória. Da velha noção do Selvagem cruel e bárbaro, símbolo das durezas enfrentadas pelos colonos e do heroísmo viril com o qual eles haviam reagido, originou-se a figura complementar de beleza e dignidade naturais intactas.

Destruído, mas nunca domado, o Índio podia ser oferecido, com orgulho, pelo seu conquistador como uma contribuição original e valiosa da América, ao mundo.

"Com a tranqüila inconsciência do conquistador ocidental, que nem chega a ser egoísmo, destruímos e cantamos o Índio; como bons

românticos, só o exaltamos quando estava morrendo e já era passado elegíaco para nós.¹⁴

Ao exaltar o Índio, o homem branco pagou tributo à selva americana produtora de raças superiores, e ele expressou orgulho em si mesmo como herdeiro das virtudes nativas. Cooper e Alencar refletem este desejo em fazer derivar a origem nacional da síntese de valores espirituais nas cenas finais de *The Last of The Mohicans* e *O Guarani*.

Em sua re-elaboração do sempre belo mito da Morte e do Renascimento, Cooper e Alencar prefiguram a gênese de uma nova raça de americanos, personificando as mais altas qualidades de ambos — vencidos e vencedores. Enquanto as jovens índias alternam-se entre lamentar as mortes prematuras de Uncas e Cora e rejubilar-se com a vida feliz de companheirismo que aguardava o par além túmulo, Hawkeye e Chingachgook consagram a união dos vivos: "Chingachgook segurou a mão que, no calor do sentimento, o **batedor** tinha estendido através da terra fresca, e, nessa atitude de amizade, estes dois vigorosos e intrépidos homens da floresta curvaram suas cabeças, enquanto lágrimas escaldantes caíam a seus pés, molhando o túmulo de Uncas, como gotas de chuva (p. 420)". A morte do nobre Uncas é atribuído, assim, um significado épico, quando as duas culturas se encontram sobre seu túmulo antecipando a nova civilização que está por chegar.

Os mesmos temas de união, morte e regeneração são sugeridos por Alencar num final que, através de sua ambigüidade deliberada, permite interpretações diferentes. "Assentados na crista de uma palmeira a qual Peri arrancara, ele e Ceci flutuam para longe.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte... (p. 373)". Se a morte os reclama, então o céu de Ceci está pronto para receber suas almas, unidas para sempre. Todavia, Alencar não faz de suas mortes uma conclusão inescapável. A palmeira afunda no horizonte, não necessariamente na água.

Ainda mais convincente de salvação é a convicção de Peri de que eles sobreviverão, assim como Tamandaré e sua mulher sobreviveram ao grande dilúvio dos tempos antigos e viveram para repovoar a terra. Desde que Peri nunca erra, ele e Ceci provavelmente não morrerem. Ou melhor, eles desaparecem para viver eternamente no jardim do Paraíso há muito perdido e tornam-se os progenitores de um novo povo.

Condenar Alencar e Cooper por não terem sido mais realistas ou científicos nas suas descrições de Peri e Uncas, é esperar que eles sejam diferentes do que foram — escritores românticos — e negli-

14 MEYER, Augusto. Alencar. In: ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguillar, 1958. v. 3, p. 262.

genciar seus verdadeiros méritos. Embora Alencar fosse 40 anos mais jovem que Cooper, e eles estavam, além disso, separados pela *distância*, língua e *tradições*, ambos estavam em perfeita consonância com as aspirações paralelas de suas duas nações no momento histórico em que viveram ao invocar uma cultura que tinha se tornado um símbolo heróico depois de sua morte, Alencar e Cooper "ofereceram ao mundo algo essencialmente e, a sua maneira, profundo e poeticamente Americano".¹⁵ Em Peri e Uncas, eles tornam... realidade a encarnação mítica dos ideais do Novo Mundo. Peri e Uncas podem usar a vestimenta do Nobre Selvagem e suplantar Roland e Lancelot no cavalheirismo de sua conduta e feitos, porém, eles fazem parte apenas da imensa e misteriosa *selva americana*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *O guarani*. 14. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1966. 510 p.
 ———. *Iracema*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965. 423 p.
 ———. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. v. 1, 3.
 COOPER, James Fenimore. *The last of the Mohicans*. New York, Washington Square Press, 1960. 420 p.
 ———. *The Pioneers*. New York, Washington Square Press, 1962. 424 p.
 FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Conceito de civilização brasileira*. São Paulo, Ed. Nacional, 1936. 238 p.
 KEISER, Albert. *The Indian in American literature*. New York, Oxford University Press, 1933. 312 p.
 PARKER, Arthur C. James Fenimore Cooper; a re-appraisal *New York History*, New York, 35(4); 367-568, oct. 1954.
 PRIESTLEY, J.B. *Literature and Western man*. New York, Harper, 1960. 512 p.
 SODRÉ, Nelson Werneck, *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. 596 p.
 VERISSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília, Ed. da Universidade, 1963. 319 p.

Resumo

Embora José de Alencar negasse qualquer afinidade entre o seu romance, *O Guarani*, e *The Last of the Mohicans* de James Fenimore Cooper, de fato as duas obras compartilham aspectos capitais a respeito de temática, propósito e caracterização. Ambas obras têm sido criticadas por apresentarem precisamente o que os autores pretendiam apresentar, quer dizer, uma versão idealizada em vez de historicamente exata do índio e da imensa floresta americana. Da mesma maneira que os românticos da Europa procuraram na Idade Média as virtudes de inocência, fé e coragem, Cooper e Alencar criaram os idênticos valores medievais nas regiões silvestres do Novo Mundo ao exaltarem o indígena já destruído pela civilização do branco. Peri e Uncas encarnam todas as qualidades de beleza física e excelência moral que os românticos tinham concedido a sua imagem simbólica

¹⁵ PRIESTLEY, J.B. *Literature and Western man*. New York, Harper, 1960 p. 156.

do "beau sauvage". Ambos, porém, representam muito mais do que conceitos convencionais de um movimento literário. Através de sua visão poética do índio, Cooper e Alencar conseguem expressar tanto a nova consciência do Brasil e dos Estados Unidos no século XIX quanto o anelo de cada país por encontrar uma definição nacional. Buscaram essa identidade no seu passado heróico, fazendo renascer as virtudes que supunham ter contribuído à prosperidade e ao caráter distintivo de suas nações e, finalmente, prefigurando a gênese de uma nova raça de americanos, produto dos sangues nativo e europeu e síntese das virtudes de cada raça.

Summary

Although José de Alencar denied any affinity between his novel, *O Guarani*, and James Fenimore Cooper's *The Last of the Mohicans*, the two works do, in fact, share the more important aspects of theme, purpose and characterization. Both works have been criticized for presenting precisely what their authors intended to depict, namely, an idealized, rather than historically authentic version of the Indian and the American wilderness. Just as the European Romantics sought in the Middle Ages the supposedly lost virtues of innocence, faith and courage, so Cooper and Alencar recreated the same medieval values in the forests of the New World by exalting the native who had been destroyed by the white man's civilization. In Peri and Uncas are incarnated all the conventional qualities of physical beauty and moral excellence bestowed by the romantics on the symbolic image of the "noble savage". Both, however, are more than conventional concepts or versions of a prevailing literary current. Through their poetic vision of the Indian in *The Last of the Mohicans* and *O Guarani*, Cooper and Alencar express the new self-awareness of Nineteenth Century Brazil and the United States and the aspirations of each country for a national definition. They sought that identity in the heroic past by reviving those virtues which they believed had enabled their countries to prosper and be distinctive, and, in the end, both writers prefigure the genesis of a new race of Americans, born of the native and European heritages and synthesizing the best qualities of each.